

# 1

## Introdução

Esta tese foi composta em platôs. Assim como foi minha dissertação de mestrado. Parece que a Internet gosta de ser pensada assim.

Os capítulos ou platôs são quase independentes, mas compõem um todo. É possível até que mini-platôs “vivam” dentro de outros maiores, nos capítulos-platôs. O fato é que eles receberão adições, prolongamentos, variações de velocidades, intensidades temáticas diferentes. Gilles Deleuze e Félix Guattari a este respeito nos ensinam:

Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo como platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures. Tivemos experiências alucinatórias, vimos linhas, como fileiras de formiguinhas, abandonar um platô para ir a um outro.<sup>1</sup>

De qualquer modo, inúmeros caminhos já se pronunciaram enquanto escrevemos estas linhas. Quase que pediram para serem escritos. Alguns sentidos sobrevoaram. Uns têm mais força e se atualizarão, outros permanecerão como uma segunda voz apenas intuída. Na verdade, este tese tem algumas outras em seu silêncio, nos intervalos, interstícios, entre as palavras. Uma escrita é sempre rizomática. E para aqueles acostumados ao seu exercício, não é difícil ouvir o clamor das sensações inauditas, que suplicam pela interpretação de uma linha ou pelo fio das letras, para que possam se equilibrar e brandir sua tênue imaterialidade. Há todo um esforço, uma violência contida, no ato de escrever. São como os pensamentos que se forçam a serem pensados na Filosofia. Esta tese falará muito desse aspecto da linguagem.

O segundo aspecto está intimamente ligado ao tom. Durante esta escritura/leitura, uma voz mais poética poderá se fazer presente, e sem cortesia alguma poderá dar lugar a uma voz filosófica, uma escritura mais acadêmica, mas

---

<sup>1</sup> Deleuze e Guattari, 1996, vol 1, p. 33.

será possível vê-las, todas juntas, alteando seu canto próprio. Um paradoxo poderá dar visibilidade a um conceito novo. Um grafismo poderá substituir letras.

O terceiro fenômeno será o entrecruzamento de conceitos de Friedrich Nietzsche, Maurice Blanchot, e tantos outros, com os de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ponto forte e delicado ao mesmo tempo. O conceito de *aparência* em Nietzsche fará sua passagem. O conceito de Neutro de Maurice Blanchot norteará toda a tese. Tatiana Salem Levy, com o livro *A Experiência do Fora*, será um fundo e um suporte para a pintura conceitual. E se não escolhermos as formigas como fluxo de condução entre os platôs, suscitamos ajuda ao bailarino pensamento dionisíaco e seu instinto artístico. Que em nossas mentes, essa escritura dance, valse, oscile ventos férteis nas velas que, lentamente, atravessam as névoas primeiras do entendimento. Pois não é assim que os conceitos ganham leituras?

O quarto item pretende apenas chamar à atenção para uma prática desta tese. As notas e os fragmentos serão dispostos para que a leitura linear não fique predominante. Momentos importantes e a definição de conceitos estarão presentes nas notas. Fragmentos serão retirados e não serão interpretados completamente, deixando ressoar o seu sentido. Foi a opção escolhida para que se possa entrar em contato com o pensamento do Fora, com o nomadismo, e com a característica de sobrar, pairar, “insistir”, na linguagem. Como escrever sobre o que evolui sem poder ser dito? Através das notas, dos fragmentos, se inaugura uma possibilidade, um *modus operandis*, *uma lógica da sensação*, sem formato, caótica, potencializada pelo rizoma inapreensível dos sentidos.

O último aspecto se remete à invenção da continuidade de um conceito de Gilles Deleuze e Guattari (com inspiração em Maurice Blanchot e Michel Foucault), o da Dissipação do Fora. Comunicação literária de dissipação. E a novidade de sua imagem está ancorada no desenvolvimento progressivo dos platôs. Nascido há apenas alguns meses, ele sorri enquanto o pensamento dionisíaco baila. Gargalha até, em sua infância intempestiva e ingênua. Um presságio anuncia que será bom vê-lo crescer no decorrer da tese.

Na dissertação de mestrado *Formas Rizomáticas na Internet, Escritura/Leitura no Mundo Digital*, defendida em fevereiro de 2001, uma

tendência de investigação se anunciava: o de encaminhar os estudos teóricos sobre o meio digital com assumida preferência por uma leitura de forças, utilizando uma ótica transdisciplinar para observar seus fenômenos.

Na ocasião afirmava:

Estenderemos sobre a mesa de estudos um painel (um mapa) desta nova realidade, sem ainda arriscar conclusões. Compreenderemos o que é este novo pensamento, este novo cenário, para depois testar os primeiros enlaces teóricos.<sup>2</sup>

Ao assumir esta direção no mestrado, o processo de pesquisa navegava, ou melhor, mapeava a realidade tecnológica digital e suas singularidades, sem antecipar conclusões específicas ou negativas. Evitava-se elaborar teorias inadequadas ou valorativas, não havia vontade de verdade, nem de construção de uma crença em uma verdade universal (numa inspiração nitidamente nietzscheana), mas se desejava pensar seguindo as vias do próprio processo de criação permanente da internet, no *surf* veloz, estético, de um estranho e novíssimo pensamento.

Outras inspirações da filosofia contribuíram com aquela dissertação. Mais do que isso. Emergiu como norteadora a obra *Mil Platôs*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, retirando da invisibilidade uma expressão difícil de explicar, um ente veloz, de conexão transversal (*hiperlink*), uma existência ainda incomunicável, que em sua potência recriava a escritura/leitura digital. A dissertação a reconheceu, mostrou seu dinamismo sub-reptício, a tendência em se desviar das tentativas de programadores de sistemas e softwares, que tentavam controlar a sua essência necessariamente caótica. A este pensamento insólito, com a colaboração de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e com a chancela de Pierre Lévy, chamamos de rizoma. E o rizoma Internet atravessava inúmeras e distintas naturezas de escritura.

Nesta tese, o fluxo rizomático se tornará ainda mais visível e, como já foi expresso, continuará a bordo do comboio de uma leitura estética, de forças artísticas/literárias. Sem dúvida, a escritura deste estudo deverá se movimentar ao sabor do instinto artístico (como o expresso por Nietzsche), à mercê do que se recria a todo instante, a fim de deslumbrar, seduzir, falsear – inundação de

---

<sup>2</sup> P. 9 da referida dissertação.

extraordinária *aparência*<sup>3</sup>. E sobre esta tendência vale a pena destacar o belo trecho que encerra o prólogo de *Gaia Ciência*:

Ah! estes gregos, como sabiam viver! Isso exige a resolução de nos mantermos corajosamente à superfície, de nos conservarmos agarrados à cobertura, à epiderme, adorar a aparência e acreditar na forma, nos sons nas palavras, em todo o Olimpo da aparência!<sup>4</sup>

É interessante o destaque porque, além de mencionar a importância que Nietzsche dá à aparência na arte, em sua crítica ao conceito de verdade (aparência/Maia, e que, no entanto, é o que mais revela a vida e suas forças), contribuía, na dissertação, de forma explícita, dando a necessária referência conceitual a termos como epiderme, superfície. Nela se mostrou como a Internet e sua expressão rizomática é um pensamento de superfície sem ser superficial, um pensamento transversal, que conecta pela horizontalidade. Nesta tese se testará novas possibilidades deste pensamento. Será preciso dominar, forçar, desnudar a Internet rizomática e seus fenômenos, obrigando o pensamento sem imagem a nos oferecer um lúmen, um contorno que seja, uma evaporação do que foi intuído senão em aparência. Fazer a denúncia de um outro mundo (como um novo plano de imanência), vislumbrar este nascimento poderoso que se inicia ao se pensar. Deverá ser como valsar, deslizar, bailar com o próprio Dioniso.<sup>5</sup>

Assim, essa escritura transversal sobre a Internet, com seu pensamento artista – em sua travessia plural e disseminadora de superfície –, se apresentará como um sonho que a multiplicidade, distraída, deixou escapar.

<sup>3</sup> Em *Nietzsche e a Filosofia*, Gilles Deleuze, p. 154-5. Neste sub-capítulo, Deleuze expressa a vontade do instinto artista, a vontade de potência da ilusão, como aquela que sob a tensão máxima entre enganar e revelar, deixará entrever a potência da vida, da vida em si. E sua visibilidade só é possível graças a mais alta potência da aparência: “... A atividade da vida é como um poder do falso, enganar, dissimular, deslumbrar, seduzir. Mas para ser efetuado, este poder do falso deve ser selecionado, desdobrado ou repetido, portanto elevado a uma mais alta potência. O poder do falso deve ser conduzido até uma vontade de enganar, vontade artista, a única capaz de rivalizar com o ideal ascético, de se opor a este ideal com sucesso. A arte inventa precisamente mentiras que elevam o falso ao mais alto poder afirmativo, faz da vontade de enganar qualquer coisa que se afirma no poder do falso. Aparência, para o artista, não significa já a negação do real neste mundo, mas esta seleção, esta correção, este desdobramento, esta afirmação. Então, verdade pode ter uma nova significação. *Verdade é aparência*. (...) Em Nietzsche, nós, os artistas = nós, os que procuramos conhecimento ou verdade = nós, os inventores de novas possibilidades de vida.”

<sup>4</sup> Rosenfield, 2001, p. 10.

<sup>5</sup> Idem, pp. 162-3: “Esperamos forças capazes de fazer do pensamento qualquer coisa de ativo, de absolutamente ativo, o poder capaz de se fazer uma afirmação. Pensar, como atividade, é sempre um segundo poder do pensamento, não o exercício natural de uma faculdade, mas um extraordinário pensamento no próprio pensamento, para o próprio pensamento. Pensar é uma n... potência do pensamento. É necessário ainda que seja elevado a esta potência, que se torne o *leve, o afirmativo, o bailarino*.”

Na dissertação de mestrado, a investigação continuou seu trajeto ou *sua linha de fuga*, como diria Gilles Deleuze, atravessou a literatura, mostrou uma nova escritura digital, demonstrou que a atividade *hiperlink* há muito acontecia nas páginas dos livros mais antigos – como a Bíblia, por exemplo – e apontou possibilidades para outros fenômenos. Não que esses aspectos da internet não voltem a surgir em nossa nova empreitada. É possível mesmo que ressurgam ainda. Entretanto, acreditamos que a Internet hoje atravessa ou é atravessada por devires ainda mais intensos.

A zona de interesse sobre a qual investiremos esforços tem sido marcada por inúmeros debates e notícias nos meios digitais, notadamente devido aos avanços e pela expansão vertiginosa de sua prática, que alia tecnologia e relacionamento: os *sites* de *social networking*.